

### III.

O propósito da presente palestra é defender a tese, de acordo com a qual os conceitos "dúvida", "pensamento" e "língua" são tão próximos a ponto de se confundirem. A intenção dessa identificação, (ou quase-identificação) deverá tornar-se clara no final desta palestra. Para tanto peço aos srs. que reconsiderem comigo aquela construção mental que evoquei na última conferência: o homem ingênuo no pleno significado do termo. Conforme disse, quer me parecer que "homem ingênuo" é uma contradição em termos, pois creio que o conceito "homem" exclui o conceito "ingenuidade". É claro que podemos definir o conceito "homem" de muitas maneiras, e estas maneiras dependerão do nosso ponto de partida, isto é da camada de significado dentro da qual pretendemos colocar o termo "homem". Mas, para serem definições, isto é para diferenciarem o conceito "homem" dos demais conceitos, todas essas definições deverão tomar em consideração o isolamento, a alienação, a solidão, o abandono, enfim o "estar jogado" (Geworfensein) do homem entre os demais conceitos. Esta solidão, esse alheamento caracteriza o homem em todas as camadas de significado, e creio que essa solidão e alheamento são justamente sinais de sua não-ingenuidade. O homem é por definição um ser em oposição, e essa oposição pode ser compreendida como resultado da perda de ingenuidade. Se, por exemplo, partimos da camada da biologia, definiremos o homem como animal que pensa, isto é como animal que se opõe à vida. Se partimos da camada da psicologia, definiremos o homem como processo de individualização, de superação do id pelo ego, isto é como processo que se opõe à psique. Se partimos da camada da sociologia, definiremos o homem como o ponto no qual a sociedade se reflete, portanto como produto da sociedade que a ela se opõe. Não precisamos recorrer a definições ontológicas ou teológicas do conceito "homem", os nossos exemplos mais humildes bastam: O homem é definido sempre como algo em oposição a qualquer camada de significado dentro da qual queremos defini-lo. Em breve: a situação do homem é de oposição. A tese desta palestra é que a oposição dentro da qual o homem está, a melhor que a oposição que o homem é chama-se epistemologicamente "pensamento", ontologicamente "dúvida" e ontologicamente "língua". Em outras palavras: o homem é o que é porque "conhece", porque caiu de "fé" e porque "articula". Conhecer, cair e articular são três maneiras de descrever a situação humana. O absurdo dessa situação salta aos olhos logo que consideramos estes três aspectos. Porquê o homem pensa? Para, conhecendo aquilo ao qual está oposto, superar a oposição, e fundir-se no conhecimento. Porquê o homem duvida? Para, metódicamente, reconquistar a fé, dentro da qual se funde com aquilo ao qual a dúvida se opõe. Porquê o homem articula? Para, tendo provocado e evocado aquilo que lhe é oposto, poder assimilá-lo, isto é fundir-se como ele. A situação humana é absurda, porque os três aspectos que a caracterizam são tentativas de acabar com ela. O homem está em situação que tende a destruir-se a si mesma. O homem pode ser definido como ser auto-destruidor e a meta do homem pode ser definida como deixar de ser homem. O homem pensa para conhecer tudo, isto é para não pensar mais. O homem duvida para crer tudo, isto é para não duvidar mais. O homem articula para poder dizer tudo, isto é para falar-se. Para recorrermos a um mito fundamental da nossa civilização, podemos dizer que a situação do homem é a do desterro do Paraíso, e a sua meta é a volta para o Paraíso. O homem é um ser desterrado, e o pensamento, a dúvida e a língua são os aspectos desse desterro e simultaneamente tentativas de retorno. O pensamento é o rio que arrasta o homem do paraíso para o paraíso, a dúvida é o rio que arrasta o homem do paraíso para o paraíso, a língua é o mesmo rio que arrasta o homem do paraíso para o paraíso, em breve: pensamento, dúvida, língua são sinônimos, são o homem em sua tentativa de não ser homem. Como definir a ingenuidade? Creio que pode ser definida apenas negativamente. A ingenuidade é o não-pensamento, o não-duvidar, o não-articular. A ingenuidade é o paraíso. Se a concebemos como o ainda não pensar, o ainda não duvidar, o ainda não articular, é ela o paraíso perdido. Se a concebemos como o não pensar mais, o não duvidar mais, o não falar mais, é ela o paraíso procurado. O homem é portanto um ser saudoso da ingenuidade em busca da ingenuidade. Aqui aparece um novo aspecto do absurdo que é o homem. O conceito da ingenuidade encerra em si o conceito do não intencional. A ingenuidade é um estado dado, não um estado a ser conquistado. Não posso querer ser ingênuo, pois nesse meu querer se esconde uma suprema falta de ingenuidade. Uma ingenuidade conquistada, uma ingenuidade de segundo grau, seria portanto uma ingenuidade inautêntica, uma ingenuidade falsa. O homem é portanto um ser saudoso da ingenuidade autêntica em busca de uma ingenuidade autêntica.

falsa. O homem é um desterrado do paraíso da ingenuidade autêntica, em busca de "fools paradise", do paraíso dos tolos. Porque a ingenuidade intencional é tolice. O homem é um ser absurdo, porque a sua meta é tola. Pensar é tolice, duvidar é tolice, articular é tolice. A consideração dessa tolice revela mais um aspecto da situação humana, um aspecto que, epistemologicamente, podemos chamar de "frustração do conhecimento definitivo", teologicamente de "fé como graça", e ontologicamente como "o outro como o totalmente diferente". É tolice querer conhecer, é tolice querer ter fé, é tolice querer fundir-se com o outro. O homem é um ser invadido por definição por essa tolice, é um ser invadido pelo diabo, ou, como preferem dizer os pensadores existenciais, invadido pelo nada. O homem é um ser desterrado da ingenuidade em busca tola dessa mesma ingenuidade nunca mais alcançável. É por isto que creio ser a expressão "homem ingênuo" uma contradição em termos.

Como se deu este desterro da ingenuidade, como o homem foi expulso da ingenuidade, como surgiu o homem? Esta pergunta não pede uma resposta histórica, mas ontológica. O que estou perguntando com efeito é: como se deu o homem "in illo tempore" e como está se dando sempre de novo? Pelo grito de espanto. O grito de espanto primordial expulsou o homem da ingenuidade. O grito de espanto separou o homem, esse ser espantado, do mundo, esse ser espantoso. O grito de espanto aliena o homem da ingenuidade. O grito de espanto é o primeiro pensamento, porque separa a realidade em pensador e pensado. O grito de espanto é a primeira dúvida, porque é um tremor que faz tremer o homem e torna misterioso o mundo (mysterium tremendum). O grito de espanto é a primeira palavra. Peço aos srs. que se aprofundem um pouco nesse acontecimento primordial, nesse salto primordial (Ursprung) pelo qual o homem surgiu e sempre está surgindo. É o milagre dos milagres, e a sua contemplação é a reflexão mais profunda da qual é capaz o nosso intelecto. A contemplação do grito de espanto, da primeira palavra (Urwort) é o limite da nossa capacidade intelectual, é a fronteira contra a qual deba-se nos precipitamos. Goethe diz numa bela frase: "Das Wunder ist des Glaubens schoenstes Kind" (o milagre é o mais belo filho da fé), mas a nossa contemplação deste milagre primordial revela a sua função terrível; acaba com a fé, a mata. O milagre surge da fé para matá-la. O grito do espanto primordial vira-se, qual Édipo, contra a fé, e a dilacera sistematicamente. O enorme processo do pensamento, o majestoso edifício da dúvida, o glorioso organismo da língua, que surgem do espanto primordial, são um dilacerar metódico da fé, da qual surgiram. Nada adianta a Édipo, horrorizado pelo próprio crime, arrancar os olhos, nada adianta ao misticismo querer cegar o pensamento, abafar a dúvida, e calar-se. A fé assassinada não será ressuscitada. O grito de espanto primordial não pode ser revogado. O processo de pensamento posto em movimento, a dúvida instalada, a corrente da língua desfraldada, não podem ser freitados nem represados. Correm inexoravelmente rumo ao desconhecido. É a esta corrente da língua que nos arrasta, que nos pervade, que somos, e dentro da qual nos realizamos, é a esse crime irrevogável, a esse pecado primordial, se quiserem, que estas conferências são dedicadas. São dedicadas humildemente, porque a despeito de sua criminalidade, a despeito de sua tolice, e a despeito de sua tau-tologia sisífica, é a corrente da língua, tal qual se derrama a partir do grito de espanto rumo a nós e através de nós, a despeito de tudo isto ~~é~~ a nossa única maneira de expiar o crime, de superar a tolice, de realizar produtivamente. Eis um novo aspecto da absurdidade do homem.

Espero que a contemplação da absurdidade humana <sup>tenta</sup> torne visível aos seus olhos o que entendo por "língua" e porque a considero ~~como~~ foco de toda especulação consciente de si mesma. Aventuro-me, portanto, a uma primeira tentativa de definição do conceito "língua". Estarei sempre pronto <sup>para</sup> abandonar essa definição se o curso do argumento o tornar aconselhável. Pois bem, eis ~~ela~~ <sup>ela</sup>: "A língua é a realização progressiva das potencialidades contidas no projeto do primeiro grito de espanto." Tentarei trabalhar com esta definição no curso destas conferências até exaurir-lhe as possibilidades. Uma dessas possibilidades é justamente a identificação da língua com pensamento e com dúvida. O primeiro grito de espanto é o projeto do pensamento, é a semente da qual o pensamento brota. O primeiro grito de espanto é o projeto da dúvida, é a mola que propulsiona a dúvida em sua projeção metódica. Pensamento, dúvida e língua são conceitos entreligados. Pensamento é a língua vista em reflexão, língua é o pensamento visto em projeção. Dúvida é o pensamento visto em sua dinâmica, pensamento é a dúvida vista em seu método. Língua é a dúvida vista em seu significado, dúvida é a língua vista em sua

O resto desta conferência será dedicado à consideração dessa última identificação. Repetemo-la portanto, reformulando-a ligeiramente: A estrutura da língua é a dúvida. Em outras palavras: A dúvida é o conjunto das regras, de acordo com as quais a língua se realiza. Esse conjunto de regras é chamado, de maneira um tanto vaga, geralmente de "gramática". Portanto: dúvida e gramática são sinônimos. A gramática de um certo tipo de línguas, chamadas "flexionais", que são as línguas que predominam no Ocidente, tende para um padrão comum, chamado normalmente "lógica". Portanto: dúvida e lógica são sinônimos no Ocidente. Vejamos, embora somente em esboço rápido, se podemos tirar algum proveito dessas formulações tão laboriosamente conseguidas.

Consideremos primeiro o que pretendemos ao afirmar que a língua tem estrutura. Queremos dizer que a língua é uma organização, e que uma análise dessa organização revelará seus órgãos. Tomemos como exemplo a língua portuguesa. Essa língua é uma organização cujos órgãos são frases. As frases portuguesas são ligadas entre si por regras para formar o discurso chamado "língua portuguesa". As frases são, por sua vez, organizações cujos órgãos são palavras. As palavras portuguesas são ligadas entre si por regras para formar o conjunto chamado "frase portuguesa". As palavras, são, por sua vez, entidades maleáveis, flexíveis que obedecem a regras que governam as modificações que as palavras sofrem ao se adaptarem a outras palavras dentro da frase. Temos, portanto, três níveis de estrutura da língua portuguesa: O nível do discurso, o nível da frase e o nível da palavra. Se quisermos procurar um paralelo dessa estrutura, o mundo da matéria o oferece. Ao nível da estrutura do discurso corresponde a estrutura da física clássica, (da macrofísica), ao nível da estrutura da frase corresponde a estrutura química, e ao nível da estrutura da palavra corresponde a estrutura da física nuclear. Essa triplíce estrutura não é característica de toda língua, mas tão somente de línguas do tipo flexional. Ela é consequência de uma dúvida sui generis, da dúvida ocidental, usando o termo "ocidental" num sentido muito lato. A dúvida ocidental tem um caráter atômico, tem a palavra maleável, (o "conceito") como átomo. O grito de espanto primordial, esse projeto do qual toda língua brota, tomou no Ocidente a forma de um conceito, de uma palavra, um "Urwort". A estrutura triplíce das línguas flexionais é resultado do desfalecer dessa primeira palavra, desse "logos" fundamental, é lógica. As consequências dessa estrutura das nossas línguas são enormes e caracterizam, com efeito, toda a situação do homem ocidental em todas as suas formas. A dúvida tomou, em nós, uma forma lógica, e nos opõe, de maneira lógica, à ingenuidade perdida. O mundo, dentro do qual estamos e ao qual estamos opostos, é portanto, para nós, categoricamente conhecível pela lógica. Não podemos escapar a essa imposição categórica da estrutura das nossas línguas. Não podemos superar o projeto do mundo tal qual nos é dado pelas nossas línguas. As tentativas de superação, empreendidas por alguns entre nós, por exemplo as tentativas de conhecer o mundo na forma oriental, forma essa resultado do projeto das línguas isolantes, são tentativas inautênticas e frustradas. A estrutura das nossas línguas é um dado fundamental da nossa existência (do nosso "Dasein"). Somos projetados para cá pela estrutura das nossas línguas. Existimos em função dessa estrutura. A nossa existência é uma realização dessa estrutura. A possibilidade tênue e altamente problemática de traduções para o campo de línguas de estrutura diferente será tratada em uma conferência futura.

A estrutura do nosso mundo é pré-formulada pela estrutura das nossas línguas. Aliás, quando dei o paralelo entre essa estrutura e a estrutura da matéria, já tinha esse fato em mente. A matéria se apresenta para nós como se apresenta graças à estrutura das nossas línguas. O progresso das ciências naturais é um belo exemplo do progresso da dúvida no campo das línguas flexionais. É um projetar-se da estrutura das línguas flexionais para dentro do mundo. O mundo perdido da ingenuidade é forçado pela dúvida para dentro da camisa de força da estrutura das línguas flexionais para poder ser compreendido, isto é, para superar a divisão entre homem e mundo. Esse esforço da dúvida é metódico e progressivo. Assim surge primeiro o mundo da física newtoniano, que corresponde à estrutura do discurso das línguas flexionais. Depois surge o mundo da química, que corresponde à estrutura das frases das nossas línguas. Finalmente surge o mundo da física nuclear, que corresponde à estrutura das nossas palavras. Parece que desta maneira as ciências naturais se aproximam do seu esgotamento, pelo menos no nível material de seu significado. Com efeito, as ciências da matéria se aproximam rapidamente da conf

ciência de serem disciplinas puramente linguísticas, a saber matemáticas, sem ulterior significado. O progresso da dúvida no campo da matéria chega rapidamente a sua meta. Podemos portanto, desde já, observar nesse campo o seu resultado. Esse resultado não é a reconquista do paraíso da ingenuidade perdida. Conhecendo totalmente a matéria, articulando-a totalmente, não estaremos reconquistando a fé nela. Pelo contrário, ela se evapora totalmente, e desvenda ser um conceito vazio. O que resta são símbolos matemáticos, espelhando a pura estrutura das nossas línguas e não significando nada. A dúvida acaba, não por ter restituído a fé, mas porque não deixou nada a ser duvidado. O pensamento acaba, não por ter alcançado o último conhecimento, mas por não ter deixado nada a ser conhecido. A língua acaba, não por ter articulado tudo, mas por ter se dissolvido em pura estrutura sem significado. Desta maneira absurda acabam as ciências da matéria com o materialismo. Rest, rest, dear spirit.

O projeto das línguas flexionais que se realiza em nossos intelectos não alcançou ainda, fora do campo da matéria, um estágio de realização mesmo aproximadamente completa. Esta é a razão da continuação da conversação no Ocidente. Essa conversação, que é a projeção da estrutura das nossas línguas para dentro do mundo, continua progredindo. Continuamos duvidando. Continuamos pensando. Continuamos articulando. Mas, dado o progresso desse processo no campo da matéria, começamos a despertar para o caráter da nossa dúvida, do nosso pensamento da nossa articulação. Começamos a duvidar da dúvida, a pensar sobre o pensamento, a articular a articulação. Começamos a filosofar sensu stricto, isto é tentamos formular uma filosofia da língua. A filosofia da língua é a dúvida da dúvida, porque duvida da estrutura da língua. A filosofia da língua é a perda da ingenuidade face à língua. É resultado de um grito de espanto secundário, de um grito de espanto face à língua. Essa situação duplamente absurda da filosofia da língua, essa sua situação irônica, é que me esforcei por articular na primeira conferência desta série.

Vejamos um pouco mais detalhadamente essa estrutura das nossas línguas que é a dúvida em sua forma ocidental. É uma estrutura hierárquica. Há uma hierarquia de frases dentro do discurso. Há uma hierarquia de palavras dentro da frase. Há uma hierarquia de núcleos, sufixos e prefixos na palavra. Há, em outras termos, uma dúvida principal, à qual outras dúvidas subalternas estão hierarquicamente subordinadas. A lógica aristotélica elabora essa curiosa hierarquia no nível do discurso, e, embora de maneira rudimentar e ingênua. Chama-a de "silogismo". A gramática escolar elabora a mesma hierarquia no nível da frase, ao distinguir por exemplo entre "sujeito", "objeto" e "predicado", embora o faça de maneira mais rudimentar ainda. A hierarquia das palavras é ilustrada por conceitos como "substantivo", "verbo", "adjetivo" etc. Todos estes esforços de contemplar a estrutura das nossas línguas são, entretanto, viciados pela profunda ingenuidade que revelam quanto ao papel que a língua exerce ontologicamente. E não se compenetraram do aspecto existencial da estrutura da língua, que é a dúvida. Serão, portanto, reinterpretados no curso destas conferências num contexto diferente. Creio que a hierarquia que informa as nossas línguas pode ser interpretada somente à luz desse novo contexto. Uma frase segue a outra para formar a correnteza do discurso, porque a primeira frase (a premissa aristotélica) é duvidosa para si, e a segunda dúvida da primeira. O sujeito é seguido do predicado, porque o sujeito duvida de si, e o predicado duvida do sujeito. Uma palavra se transforma em substantivo ou verbo, porque duvida de si. A hierarquia das nossas línguas é resultado da dúvida em marcha. As implicações epistemológicas, ontológicas e quicá teológicas desse fato serão consideradas no curso destas conferências.

Passo a resumir a linha mestra do argumento desenvolvido nesta noite da seguinte maneira: O homem é um ser expulso (uma ek-sistência), um ser que surge ao ser projetado pelo grito de espanto primordial. Essa expulsão que é o homem pode ser chamada de "pensamento", ou "dúvida", ou "língua". Mas essa própria expulsão está virada contra a sua origem e tende para uma reunião com ela. O homem é um ser que tende a superar-se. É portanto um ser absurdo. O grito de espanto primordial faz tremer o homem e torna misterioso o mundo do qual o homem foi expulso. O tremor do homem resulta na estrutura da língua, a qual, dada a absurdidade do homem, tende a acabar com o mistério do mundo, infiltrando-se nele. Mas, ao invés de acabar com o mistério do mundo, acaba com o mundo. O tremor que resulta do choque do primeiro grito de espanto pode assumir formas diferentes. O gri-

to de espanto pode resultar em línguas diferentes. Com efeito, resulta básicamente em línguas de somente três tipos de estrutura diferente, mas podemos imaginar uma infinidade de tipos. Cada tipo é um projeto de existência. Como homens, somos realizações de projeto contido na estrutura da nossa língua. Não podemos escapar a êsse projeto, nem superá-lo, a não ser precariamente nas traduções. A nossa língua é a limitação da nossa existência como homens. Estamos categoricamente implantados dentro da nossa língua. Ela é a nossa realidade. Mas já que sabemos de línguas de estrutura diferente, somos incapazes de aceitar essa realidade como sendo a única, a "real" no sentido classicamente ingênuo. A contemplação de línguas de estrutura diferente nos inclina ao ceticismo. Ou nos tenta para um misticismo do inarticulável. Cada língua, sendo uma realização do tremor que acompanha o grito de espanto (Urschäuder) é uma articulação diferente do inarticulável. É uma maneira do totalmente diferente de nós de articular-se. Cada língua é uma epifania (uma aperição do escondido) diferente. A próxima conferência será dedicada à tentativa de contemplar e comparar essas epifanias diferentes.